

# Fundamentos da escola do trabalho<sup>1</sup>

Maria Helena Weschenfelder\*

Sobre a biografia do autor da obra M. M. Pistrak (1898-1940) quase não existem registros. Sabe-se que foi um grande educador soviético, pautado na teoria marxista, contemporâneo de Makarenko, Lênin, Krupskaja, Kalasknikov, Lunacharsky, Shulgin, Blonski e Sukhomlinski. Escreveu a obra *Fundamentos da escola do trabalho*, em 1924, a única traduzida para o português. A obra está organizada em cinco temáticas, dialeticamente situadas e analisadas por Pistrak; teoria e prática, a escola do trabalho na fase de transição, o trabalho na escola, o ensino e a auto-organização dos alunos, constituem as temáticas abordadas no decorrer do livro. Para análise da presente obra, utilizamo-nos de uma compreensão da sua totalidade, preferindo tecer análises sem isolar cada temática discutida pelo autor.

Com a Revolução Russa (1917), o poder soviético propôs-se construir uma nova escola, que respondesse às exigências políticas, econômicas, sociais e culturais para uma nova ordem social. A luta para *formar* o novo homem, partindo dos problemas práticos e das condições históricas e concretas, era o grande desafio para os educadores soviéticos, afirmadores da concepção socialista. O projeto pedagógico dessa nova escola era centrado na idéia do coletivo, vinculado ao movimento mais amplo com vista à transformação social.

O livro de Pistrak trata dos resultados do seu trabalho prático na comunidade escolar subordinada ao Comissariado da Instrução Pública, também chamada “Escola Lepechinsky”. A obra é a sistematização de palestras, relatórios e socialização de opiniões junto a outros professores. O autor analisa

---

\* Mestranda em Educação da Universidade de Passo Fundo-RS.

várias questões que permearam a construção da nova escola, enfatizando a necessidade de a prática pedagógica estar referendada numa concepção social bem determinada e de a escola, por sua vez, estar compreendida como elemento organizador do proletariado. Para a construção dessa escola, seria fundamental a reeducação (formação) do professor, no sentido de que seja um militante social ativo, desenvolvendo aptidão para a criatividade pedagógica sempre pautada numa teoria marxista.

O princípio educativo dessa escola é o trabalho socialmente útil como elemento articulador vida-escola determinante das relações sociais entre os sujeitos. A compreensão do valor social do trabalho, sobre o qual se constroem a vida (produção da existência) e o progresso da sociedade, exige estudar a realidade atual, penetrar e viver nela num processo dialético, em que cada um dos envolvidos se perceba como membro de uma coletividade, compreendendo: a) seu papel na luta contra o capitalismo; b) o espaço ocupado pela classe trabalhadora nessa luta; c) a possibilidade de uma nova sociedade realizada de baixo para cima.

Nessa ótica, Pistrak define o trabalho “como uma participação ativa na construção social, no interior e fora da escola, e a ciência como uma prática generalizada e sistematizada que orienta completamente essa atividade, de forma que cada um possa ocupar o lugar que lhe cabe” (p. 114), objetivando transformar a realidade social, pois, em grande parte, “os alunos que saem da escola vão ser trabalhadores ligados à realidade imediata” (p. 119).

Pistrak condena os trabalhos domésticos cansativos para crianças, mas enfatiza

a preocupação que a escola deve ter com os princípios básicos da higiene pessoal, cuidados com material escolar, com jardins, espaços públicos, conservando as belezas naturais, organizando campos de jogos e práticas esportivas, participando de atividades culturais e políticas, associando as iniciativas da escola às de outros órgãos administrativos, enfim, a escola participando da vida social como um núcleo cultural. Salienta, ainda, o papel das oficinas nas escolas, em que o trabalho se liga ao estudo dos ofícios artesanais, produzindo materiais úteis e prestando serviços necessários à coletividade. Através dessas atividades produtivas, os educandos vão aprendendo habilidades, comportamentos, competências necessários ao desenvolvimento humano e à educação social, efetivando a integração do trabalho-ciência.

A base do processo pedagógico da escola, segundo Pistrak, está na auto-organização dos educandos. A constituição de coletivos para realizar determinadas ações práticas possibilita o desenvolvimento de hábitos de organização e aplicação dos princípios da organização científica como meio de fortalecer o desenvolvimento social e a autonomia.

A aptidão para trabalhar coletivamente só se adquire no trabalho coletivo e no desempenho das diversas funções exercidas alternadamente pelas crianças, de modo que sejam sujeitos no processo em construção no presente, e não somente se preparem para vir a ser, já que vivem uma vida concreta, tendo seus problemas, interesses, objetivos e ideais, estando ligadas à vida dos adultos e do conjunto da sociedade. Nesse sentido, a auto-organização deve ser percebida como um trabalho sério, com

obrigações e responsabilidades sentidas e compreendidas. Seu maior objetivo é a participação ativa e consciente do cidadão em todos os momentos da vida.

Segundo Pistrak, a concretude dessa escola demanda a necessidade de um ensino que rompa com a fragmentação do conhecimento, renunciando a um trabalho puramente intelectual. Aponta para o ensino através do sistema dos complexos (ou centro de interesses), que não é uma técnica metodológica, mas um sistema de organização do programa de ensino e de sua efetivação com uma visão de totalidade, numa dimensão de estudo intimamente ligada ao trabalho e à auto-organização.

O sistema dos complexos consiste em selecionar um tema relevante no plano social, cujo estudo deve servir para entender a realidade atual através da perspectiva dialética, ou seja, entendendo cada situação na sua dimensão histórica e nas suas relações com outras situações e com o todo na qual está inserida. A escolha do tema dos complexos deve encadear-se mantendo uma continuidade entre si para possibilitar aos educandos uma ampliação gradativa das concepções da vida e da luta.

Durante os primeiros anos de ensino, os temas do complexo devem ser concretos, presentes no campo visual da criança, e sua relação com uma série de outros fenômenos é superficial. Conforme as crianças vão avançando em idade, o complexo aprofunda-se e o estudo do fenômeno possibilita-lhes assimilar uma série de idéias, conhecimentos e aptidões, englobando e entendendo partes mais amplas da realidade atual.

O estudo do sistema de complexos só terá sentido se for compreendido pelos educandos e se for gerador de ações. Por isso, os temas devem: a) estar ligados ao traba-

lho real do educando; b) possibilitar a sua auto-organização na construção do conhecimento. Esses princípios permitem ao educando a apropriação sólida dos conhecimentos científicos, fundamentais para analisar as manifestações da vida. Os programas, nessa perspectiva, passariam a ter um sentido de *planos de vida*.

Trabalhar a partir do sistema de complexos, com base em temas extraídos da realidade dinâmica e das práticas sociais, aponta para a formação de sujeitos pesquisadores, conhecedores do seu mundo, que questionam a situação desumanizante e que, como sujeitos no processo, tornam-se capazes de intervir na busca da transformação social. A educação, nessa ótica, possibilita a compreensão da realidade numa dimensão histórica, interdisciplinar e totalizante.

A obra de Pistrak traz elementos significativos para estudo e aprofundamento na área da educação, principalmente para aqueles que acreditam na possibilidade de superar o ensino descontextualizado, fragmentado. Destina-se, portanto, a todos os profissionais comprometidos com a transformação social e com a melhoria da qualidade da educação pública. Torna-se, nesse caso, leitura obrigatória para nós que nos lançamos o desafio de tornar possível uma escola que esteja comprometida com as questões sociais, numa perspectiva crítico-emancipatória. Com a leitura analítica dessa obra, passamos, sem dúvida, a compreender melhor como se estabelece a relação trabalho/educação no contexto concreto em que atuamos.

## Notas

<sup>1</sup> PISTRAC, M. M. *Fundamentos da escola do trabalho*. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000. 224p.